

Com Brasil

# Tranquilidade precária

O País vive hoje uma tranquilidade precária. Bastou que os índices de preços apontassem para uma inflação ligeiramente mais baixa do que a esperada para que, de repente, as pessoas se tenham esquecido de que estamos sendo atingidos por um furacão e o perigo de acontecer o pior não está afastado.

O fato novo é que o comportamento civilizado do ministro da Economia conseguiu baixar o "índice de aflição" do mercado e convencer os empresários de que acabaram, realmente, os tempos do congelamento de preços e, com eles, os tempos de remarcação preventiva de preços. Diga-se de passagem, essa prática por parte dos formadores de preços não é fruto da safadeza geral dos nossos empresários, como o presidente da República, com evidente má-fé, tem alardeado, mas reação de legítima defesa do mercado ao comportamento irracional do próprio governo.

O presidente Collor, ao que parece, desconhece as experiências de Pavlov.

O governo tem conseguido, é verdade, manter um superávit de caixa. Mas isso é só. Os rombos estruturais estão todos aí, ameaçando a economia com novos furacões se não forem tapados a tempo.

O perigo mais imediato é, sem dúvida, o descomunal buraco da Previdência Social que, para o próximo mês de dezembro, está dimensionado em torno de um trilhão de cruzeiros, segundo avaliação feita há dias pelo ministro da Justiça, Jarbas Passarinho.

O problema agora está em saber como é que será coberto esse déficit. O secretário executivo do Ministério da Economia, Luiz Antônio de Andrade Gonçalves, bem observou que essa importância corresponde a nada menos que metade da arrecadação mensal do governo federal. Daí por que é matematicamente impossível encarregar o tesouro do financiamento desse rombo.

Isso nos leva a concluir que, já em dezembro, o

governo estará diante de um dilema: ou mandará rodar a guitarra e, assim, pagará os benefícios dos aposentados com emissão de moeda — fato que voltaria a atirar a inflação para o alto, ou terá que optar pelo calote puro e simples e, assim, verá crescer as filas de aposentados diante dos guichês dos bancos e, depois, terá que enfrentar a fúria de 13 milhões de pessoas que, afinal, dispõem de tempo e de grande capacidade de organização.

O outro rombo é do Sistema Financeiro da Habitação. O presidente da Caixa Econômica Federal, Alvaro Mendonça, acaba de admitir que só a Caixa vem perdendo 15,2 bilhões de cruzeiros mensais com os subsídios concedidos aos mutuários da casa própria.

Mas já se sabe que o Fundo de Compensação das Variações Salariais (FCVS), cuja função é compatibilizar o valor da prestação mensal com a amortização do saldo devedor, acumula um déficit de 20 a 30 bilhões de dólares. Se alguma coisa não se fizer para resolver este problema, já em 1993 o Tesouro será obrigado a honrar seu aval aos depósitos em cadernetas de poupança, de onde proveio a maioria dos recursos que financiaram a construção de habitações do Sistema.

Os déficits da Previdência Social e do SFH são apenas duas grandes ameaças à estabilização da economia. Há outras, tão sérias quanto estas, armando-se sobre nossas cabeças: o rombo do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, a dívida não honrada por Estados e municípios, o déficit das empresas estatais e o rombo de alguns bancos estaduais.

Por tudo isso, se é justificado respirar um pouco mais fundo agora que a inflação vai ser nadinha mais baixa, também não se pode perder de vista que há uma enorme tarefa a ser realizada antes que se possa dizer que o pior já passou.